

Fernando Teixeira cantará no "Scala"

ENIO SQUEFF

É possível que no próximo ano o barítono Fernando Teixeira se apresente no Scala, de Milão, fazendo "Rigoletto", papel que o distinguiu no Brasil. A notícia está sujeita a confirmação, mas é significativa: até quando sei, Fernando Teixeira é o santo de casa que só raramente faz milagres. Em 20 anos de profissão atuou em muitos casos como "doppione", há dois anos substituiu no Municipal de São Paulo um cantor italiano considerado um dos melhores "Rigolettos" da atualidade, saiu-se logicamente melhor, mas por motivos que o colonialismo cultural talvez explique, não recebeu a consagração que merece.

Não é um caso isolado. Com todos os seus equívocos, o Pró-Ópera que a Prefeitura está organizando mostra com evidências que o problema é extensivo a muitos outros cantores, como o soprano Rita Staerke, por exemplo. Trata-se de uma das melhores cantoras que atuaram em São Paulo nos últimos tempos. Durante as récitas deste ano de "La Bohème", ela substituiu a uruguaia Rita Contino no papel de "Mimi". Havia sido contratada para atuar como "Musetta" e teve de improvisar num papel que só conhecia sob o ponto de vista musical. Saiu-se, porém, muito bem ("Modéstia à parte", como se diz, já tinha previsto mais ou menos isso numa crítica que fiz há dois anos, quando a sra. Staerke se apresentou num concerto com a Osepp). Por todas essas, o Pró-Ópera pode estar errado quanto a sua condução; não deixa de ser uma excelente idéia.

Claro, com ou sem Pró-Ópera, para o cantor Fernando Teixeira as coisas não estão mal: além da possibilidade real de atuar no Scala, ele é dos poucos que vivem do seu ofício, não obstante sua condição de cidadão brasileiro. Ainda este ano dentre outras fará "Macbeth", de Verdi, em São Paulo, "Colombo", de Carlos Gomes, em Porto Alegre, além de repetir "La Bohème" no papel de "Marcelo" na temporada carioca. Ao todo, afirma ter um repertório de 60 óperas, o que não é pouco considerando-se o ambiente operístico do País. Mas para chegar a esta condição que agora inclui um reconhecimento internacional, Fernando Teixeira precisou valer-se de um cargo que ainda possui no MEC, lecionou canto e tudo mais que se pode imaginar. Não é o caso, portanto, de se achar que o aproveitamento de cantores como Fernando Teixeira seja uma patriotada.

Mas aqui o assunto vai longe e surpreende. Segundo cálculos do próprio Municipal, 40 mil pessoas assistiram à temporada lírica do ano passado. Escrevi a propósito da repetição de "La Bohème" que nem São Paulo aguentava tanto Puccini. Enganei-me. Pelas oito mil pessoas (no mínimo) que foram ao Municipal nas récitas em que se ouviu esta cena, devo admitir que a opinião do crítico nem sempre bate com a



O cantor se apresentará no Scala em 83.

realidade. Mas, por isso, a questão surpreende. Há um público fiel e inimaginado de ópera. Nas últimas récitas em que vi o tenor italiano Maurizio Frusoni repetir suas boas atuações, Luiz Orefice mostrar, com altos e baixos, que pode ser aproveitado (ele e alguns mais); ou nas outras em que se confirmou o talento nem sempre reconhecido de uma Ruth Staerke ou mesmo do próprio Fernando Teixeira, não pude deixar de surpreender conhecidos e amigos que nunca vi em concertos. Pode-se concluir que as virtudes são de Puccini, ou de uma publicidade bem-incrementada. Em qualquer hipótese, é sintomático. E vale também para repor as coisas nos seus devidos termos. Até hoje, ainda que construído para encenar óperas, o Municipal não parece funcionar em sua própria causa. Realizou muitos concertos (o que não é um despropósito). Mas sua orquestra, o palco, ou mesmo a ausência de equipamentos apropriados, apenas reafirmam a finalidade do teatro.

Talvez fosse o caso também de se discutir alguns aspectos musicais. O maestro Diogo Pacheco, que substituiu o maestro Tulio Colacioppo (adoentado), poderia ter feito melhor — mas não foi mal (com exceção talvez no segundo ato de alguns espetáculos a que assisti). E, seja como for, o fato de o barítono Fernando Teixeira estar sendo cogitado para cantar no Scala confirma o que talvez exista: quem sabe os brasileiros sejam operísticos, não obstante a situação de subdesenvolvimento a que estamos submetidos também neste setor? Não tenho respostas, mas o sucesso do barítono brasileiro em lugares onde isso significa alguma coisa já é um indício. Aliás, tenho por aí que depois disso alguns colegas críticos vão descobrir que o sr. Fernando Teixeira é um grande cantor. Não será tarde, evidentemente.

CMP 1.2.4.61

Folha de São Paulo - 8-V-1989